

Sumário

Estado de Minas - 25/10/2017

Quantos mais precisarão morrer?



Quantos mais precisarão morrer?

MÔNICA BEAUMORD NEVES FREITAS

Professora de formação humana e de ética do Colégio ICI

Quantas mortes serão necessárias para que o bullying seja motivo de maior atenção? Trata-se de algo real, cujos efeitos são irreversíveis e que tem aumentado significativamente no Brasil, já sendo considerado problema de saúde pública. Em uma escola de Goiânia, um adolescente de 14 anos, que, segundo testemunhas, era chamado de "fedorento", abriu fogo contra os colegas. Dois morreram e outros quatro ficaram feridos. O fato assustador fez o tema voltar aos noticiários e mostra, mais uma vez, a fragilidade das relações humanas e a importância do combate ao bullying, prática que deve ser incorporada às nossas rotinas, principalmente no âmbito escolar, de modo a trazer à tona respeito às diferenças e tolerância ao próximo.

A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) de 2015, conduzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), constatou que quase 20% dos estudantes brasileiros já praticaram bullying. Entre os alunos que se sentiram humilhados, os principais motivos foram a aparência do corpo e do rosto. Outro levantamento, também de 2015, realizado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), em parceria com o Ministério da Educação (MEC) e a Organização dos Estados Iberoamericanos (OEI), identificou que quatro em cada 10 estudantes (do 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio) sofreram violência física ou verbal dentro da escola naquele ano. Foram entrevistados alunos de esco-

las públicas das sete capitais mais violentas do país. Em Belo Horizonte, a incidência de agressões, que incluem bullying, chega a 66%, segunda maior. Os números apontam a necessidade de políticas de enfrentamento, com estratégias que compreendam o engajamento de professores, envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos e, principalmente, reconhecimento do problema e de sua seriedade.

No Brasil, desde fevereiro de 2016 vigora o Programa de Combate à Intimidação Sistemática, por meio da Lei 13.185, que obriga escolas e clubes a adotarem medidas contra o bullying. Considerado um marco jurídico sobre o assunto, o texto engloba desde ataques físicos e verbais a constrangimentos realizados no ciberespaço. Trata-se de importante estratégia, uma vez que o abuso intencional, de qualquer natureza, gera sofrimento, perda de identidade e transtornos mentais que podem, em casos extremos, contribuir para índices elevados de suicídio. Os alunos reproduzem comportamentos do meio em que estão inseridos, por isso não é possível entender tanta brutalidade sem se atentar aos tempos sombrios do século 21, marcados por intolerância e perda constante de diálogo.

Transformar valores e impulsionar uma nova cultura passa por conhecer o que acontece no ambiente escolar para, então, intervir no cenário. Não é um processo que acontece do dia para noite, pois demanda tempo considerável e esforços permanentes. Um exemplo positivo são as aulas de formação humana do Colégio ICI, quando professores trabalham habilidades socioemocionais e, paulatinamente, transformam atitudes, estruturam novos jeitos de se relacio-

nar e ativam o protagonismo infantojuvenil. Conhecer outras realidades também é muito importante. Recentemente, estudantes do ensino médio viajaram para comunidades carentes de Santa Bárbara, interior de Minas Gerais, e presenciaram situações de vulnerabilidade social sob um cenário de fome, de falta de assistência à saúde e de educação deficitária. Todos retornaram mais engajados, com vontade imensa de mudar, ajudar e fazer algo pelo próximo. Tanta solidariedade impede qualquer ato de constrangimento. Tanta inquietação não abre espaço para comparação e para gozações.

O caminho é este: disseminar a mensagem de tolerância na sala de aula, nos corredores, no pátio, nas ruas, em todos os cantos. Outro aspecto substancial é a comunicação entre pais e núcleo escolar, que deve acontecer de forma transparente e recíproca. Nasce, portanto, a necessidade de diálogo sem barreiras, com sensibilidade para acolher e entender os problemas e as aflições de crianças e adolescentes. Essa continua sendo a postura mais adequada para formar melhores pessoas. O bullying não é brincadeira, não é normal e nem deve ser socialmente aceitável. Ignorar os milhares de casos que acontecem todos os dias, velados ou não, é conferir mais poder aos intimidadores, que precisam de ajuda tanto quanto as vítimas. Falamos, pois, não de uma conduta inata, mas, sim, apreendida e que pode, ainda bem, ser mudada. Apesar dos alertas, o problema continua sendo visto por muitos como um ritual de passagem, algo natural e corriqueiro. Quantos mais precisarão morrer para estimular mudanças na forma de encarar algo tão grave?